



Nova carteira é menos arriscada que a anterior

GAZETA MERCANTIL
.com.br

SÃO PAULO, 29 de dezembro de 2006 - Tendo por base a terceira prévia para a carteira do índice Bovespa, que passa a vigorar dia dois de janeiro, a Cyrnel International, consultoria de inteligência de risco, fez uma análise do grau de risco da nova carteira e constatou que a nova composição do Ibovespa se mostrou ligeiramente menos arriscada em relação à vigente entre setembro e dezembro de 2006.

Carlos Frederico S. Werneck, analista financeiro da Cyrnel, explica que o grau de risco mede o potencial de perda de um ativo - ou de uma carteira como um todo - quando comparado a um benchmark padrão. Pelo padrão assumido no sistema da empresa, o benchmark é a carteira completa do Ibovespa, que recebe uma classificação de grau de risco igual a 1. Por isso, se uma ação apresenta grau de risco 2, significa que ela oferece o dobro do risco, ou variabilidade, da carteira do Ibovespa.

Para melhor ilustrar o que significa dizer que a carteira atual é menos arriscada que a anterior, a Cyrnel, considerou a carteira teórica do Ibovespa prevista para 2007 como uma carteira hipotética hoje, tendo o Ibovespa atual como o seu benchmark. O grau de risco da nova composição do Ibovespa foi de 0,9851, ligeiramente inferior, portanto, ao grau de risco do Ibovespa atual (vigente entre setembro e dezembro), que por definição é 1.

As novas ações que farão parte do Ibovespa a partir do dia dois de janeiro, são ordinárias da Cosan e do Submarino, e as preferenciais da Gol Linhas Aéreas. De acordo com a Cyrnel, todas as três companhias pertencem a segmentos considerados de baixo risco, contudo, essas ações quando analisadas individualmente apresentam elevados grau de risco: 3,84 para a Cosan, 3,35 para a Submarino e 3,06 para a Gol. Em outras palavras, essas três novas ações que irão compor o índice no início do próximo ano são, em média, três vezes mais arriscadas do que o Ibovespa.

Com relação às empresas de grande peso no índice, as novas quantidades teóricas vão refletir não só uma variação na Contribuição ao Risco das ações de cada companhia, mas uma mudança de perfil da composição do índice Bovespa, ou seja, o

peso de cada ativo na composição do grau de risco do Ibovespa como um todo.

A Vale do Rio Doce PNA, companhia, que sozinha é responsável por mais de 14% do risco total índice, terá a sua Contribuição ao Risco reduzida para 11% em 2007. O mesmo acontecerá com a Telemar, cuja contribuição será reduzida de 4,6% em 2006 para 3,7% em 2007. Já a Petrobras PN, responsável por 13% do risco total da carteira, terá sua Contribuição ao Risco aumentada para 14,4% neste mesmo período.

Na avaliação por setor, ou seja, quanto cada setor contribui no risco da carteira, em 2006, os segmentos de Petróleo e Química contribuíram com 18,3% do risco total da carteira, seguido pelos segmentos de Metal e Mineração (+17,9%), Finanças (+14,1%), Siderurgia (+12,7%), Energia (10,6%), Telecom Celular (+10,9%) e Alimentação e Fumo (+4,3%), Outros (11,7%).

Para 2007, a composição do Ibovespa diminuirá a sua exposição no segmento de Metal e Mineração, considerado arriscado, apresentando um Grau de Risco Médio Indústria de 2,75, ao passo que fortalecerá suas posições nos segmentos de Petróleo e Química e Energia, considerados menos arriscados, com Grau de Risco Médio Indústria de 2,25 e 2,01 respectivamente. Assim, de janeiro a abril de 2007, as contribuições ao risco serão: 20% , para Petróleo e Química, 13,6% em Metal e Mineração, 13,9% para Finanças, 13,2% na Siderurgia, 8,6% para Telecom, 4,2% em Alimentos e Fumo e 15,9% para Outros.

(Eduardo Campos - InvestNews)